

humanitas

Vol. LVIII

IMPrensa DA UNIVERSIDADE DE COIMBRA
COIMBRA UNIVERSITY PRESS



HUMANITAS

Vol. LVIII • MMVI



D. DIOGO DE SOUSA NO CONTEXTO CULTURAL DO RENASCIMENTO

AMADEU TORRES
(Universidade do Minho)

0. Pelo segundo quartel do século passado espalhou-se nas universidades europeias uma corrente anti-histórica de estudo e análise a que, anos volvidos, as instituições congêneres portuguesas aderiram e se chamou estruturalismo. Método e escola da moda na abordagem dos textos e na organigramação do imediato, assenhoreou-se das ciências humanas em geral, abjurou do passado e autoproclamou-se super-suficiente em face da captação do objecto experiencial e palpável. No entanto, após décadas de entusiasmo e de contributos inegáveis nos campos da antropologia, das linguísticas e das literaturas apenas perspectivadas através do ângulo privilegiadíssimo das sincronias, caiu-se enfim na conta de que qualquer sincronia se alicerça em diacronias, tornando-se consequentemente imprescindível a uma tentativa de visão abrangente a interferência ou entrecruzamento dos dois enfoques. Dito mais em concreto, o texto, seja ele uma frase, uma página, um capítulo, uma obra, uma pessoa, um evento, exige sempre um contexto para cabal situação, esclarecimento, explicação última ou possível de maior completude. Eis a razão da epígrafe desta comunicação.

1. É fora de dúvida que a obra extraordinária do reestruturador de Braga quanto à pastoral, à arquitectónica, à assistência, à pedagogia, à cultura em geral e às comodidades primordiais das suas gentes na urbe e para além dela na vasta arquidiocese, e anteriormente na diocese do Porto, não seria o que realmente foi se D. Diogo de Sousa, eborense nascido pelos alvares do Renascimento em 1461, não houvesse experimen-

tado as suas manifestações pluriformes, e contactado com próceres do humanismo filológico, doutrinário e pedagógico que nos sécs. XV-XVI iluminou a Europa.

Diz-nos Monsenhor J. Augusto Ferreira, nos *Fastos*, que o futuro Senhor e Arcebispo de Braga desde 1505 a 1532, começou os estudos em Évora e completou-os superiormente em Salamanca e Paris¹; por seu turno D. Rodrigo da Cunha² já registara, três séculos antes, que se “a Gramática e a Retórica estudou no Reino, as outras ciências maiores, parece, aprendeu em Salamanca e Paris”; Avelino de Jesus da Costa informa, recentemente, mais em concreto: “Feitos os estudos preparatórios em Évora e na Universidade de Lisboa, transitou desta para Salamanca, onde deve ter frequentado Cânones. Foi depois para a Universidade de Paris cursar Teologia³”. De regresso a Portugal é nomeado cónego eborense e D. João II chama-o para Deão da Capela Real, distinções de que Cataldo, chegado à Corte em 1485, encontrou exornado o nobre eclesiástico, então nos seus 24 anos, seis mais novo de que o introdutor do humanismo entre nós⁴ e “o educador da nobreza portuguesa”, segundo Joaquim de Carvalho⁵, além de secretário latino de D. João II e D. Manuel⁶.

É de crer dever-se ao prestígio em ascensão do antigo escolar de Salamanca e Paris, como transparece de escritos cataldinos coevos e, mais tarde, de admiradores como Henrique Caiado, André de Resende e Pedro Margalho, a escolha régia de D. Diogo de Sousa, em 1493, para

¹ Cfr. *Fastos Episcopais da Igreja primacial de Braga*, II, Braga, 1930, Ed. da Mitra Bracarense, p.366.

² Cfr. *História eclesiástica dos Arcebispos de Braga*, II, Braga, por Manuel Cardoso, 1635, [reprod. fac-similada de José Marques, 1989], p.288. Actualizámos a grafia.

³ Cfr. “D. Diogo de Sousa, novo fundador de Braga e grande mecenas da cultura”, in *Homenagem à Arquidiocese Primaz nos 900 anos da Dedicção da Catedral*, (Braga, 4-5.05.1990), Lisboa, Academia Portuguesa da História, 1993, p.17

⁴ Cfr. “D. Diogo de Sousa e o introdutor do Humanismo em Portugal”, in Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento*, Lisboa, Fund. Gulbenkian/JNICT, 1997, p.83 e 93.

⁵ Cfr, *Estudos sobre a cultura portuguesa do séc. XVI*, II, Coimbra, 1947-1948, p.29.

⁶ Cfr. Américo da Costa Ramalho, *loc. cit.*, p.100.

tomar parte na embaixada, com D. Fernando Coutinho, bispo de Lamego e Álvaro da Cunha, capitão da Armada, enviada pelo monarca a Roma a fim de prestar homenagem e obediência ao Papa do Tratado de Tordesilhas, Alexandre VI, que dali a dois anos o nomeia Bispo do Porto; e novamente em 1505, desta vez como embaixador de D. Manuel a Júlio II, que sem delongas lhe outorgou o arcebispado de Braga por bula de 11 de Julho desse ano, quase três meses antes do seu regresso a Portugal em Outubro. Monsenhor Ferreira acrescenta ainda ter-se D. Diogo de Sousa encontrado em Roma com “a Renascença no mais elevado apogeu do seu desenvolvimento”, o que o inspirou a trazer para Braga “os fulgores desse movimento artístico e literário e a empreender mudar a face da velha cidade”; e a ir “ainda mais longe, porque não podendo quebrar as muralhas de pedra que a cintavam e apertavam, constituiu à volta dela uma cidade nova, mais ampla, mais iluminada e mais arejada”.

Escasseiam-nos as datas clarificadoras e demarcantes de um *curriculum* que deveio brilhantíssimo, salvo as que assinalam as estadas em Itália nos finais do séc. XV, 1493, e nos inícios do séc. XVI, 1505. Acerca, porém, dos estudos em Évora, e mormente nas cidades do Tormes e do Sena, nada adiantam nem sugerem as fontes disponíveis. Parece-me, contudo, que talvez se possam colocar entre um pouco antes do último quartel de 1400 e a quase metade do mesmo. Acrescida a ambiência complementar da Corte letrada ressaltam-nos aproximadamente duas décadas fulcrais para Diogo de Sousa, anos de formação multifacetada e alargados contactos epocal e socialmente tanto mais aceites e aplaudidos quanto o seu destaque global numa Europa, quer no aspecto político quer sobretudo culturalmente no que concerne ao plano experimental e também ao humanístico, maravilhadamente voltada para a Lisboa das Descobertas e Conquistas.

“Capital de meio orbe, a cidade do Tejo comparava-a o aristocrata polaco Nicolau von Popplau, ainda no último quartel da centúria de quatrocentos, a Londres e Colónia. Por seu turno, o viajante e cientista alemão Jerónimo Münzer, que entre nós esteve em 1494 e foi bem recebido por D. João II, deixou-nos esta bela carta urbana no seu *Itinerarium*, esboçado do alto da torre ‘do então imponente mosteiro do Carmo’. Nesse espaço largo e populoso, superior ao da sua Nuremberga, admirou

⁷ Cfr. *o. c.*, p.365-368.

ele três verdadeiras cidades: uma mais antiga espreitando o Levante, donde certamente lhe viera muito do seu sangue, rodeando as Alcáçovas régias e descendo em bairros já antigos, por socalcos, até ao Tejo, desde a nova Igreja de Santo António e a vetusta Sé até ao Bairro dos Escolares e a S. Vicente de Fora; outra, ainda jovem, crescia para o Ocidente desde o Carmo e a igreja da Trindade até S. Paulo, caminhando já para a Ribeira de Alcântara; e finalmente a próspera e alargada Baixa, em grandes transformações por constantes investimentos, desembocando na azafama do Terreiro do Paço da Ribeira”⁸. A grandeza, porém, desta Lisboa de Münzer “atingiria o máximo esplendor com D. Manuel, senhor de um império onde jamais o sol se punha, como aconteceria ao de Carlos V. Ao Tejo ou ao Gualdalquivir naus chegavam e naus dali partiam [...] na rota dos Gamas, dos Cabrais ou dos Colombos”⁹.

É nesta Lisboa de múltiplas nações, nesta Lisboa da Casa da Índia, “empório opulentíssimo de aromas, pérolas, rubis, esmeraldas e outros tipos de pedras preciosas [...], armazém vastíssimo de prata e de ouro [...] a abarrotar com tão grande abundância de todos aqueles produtos”¹⁰, na expressão de Damião de Góis, que afamados comerciantes e banqueiros alemães como os Fugger, os Hochstetter e os Welser, de Augsburg, estabelecem, por 1503/1504, feitorias em Lisboa¹¹, não satisfeitos com as que Portugal já havia estabelecido em Bruges e, depois, em Antuérpia. Uma Lisboa desde 1485 sob a alvorada promissora do humanismo em breve amanhecendo ao impulso de Cataldo Sículo (1455?-1517?), seu introdutor pluriforme, convidado por D. João II para a educação de seu filho bastardo D. Jorge e que foi igualmente mestre de príncipes e magnates, entre eles os Meneses da casa de Vila Real, e o próprio Diogo

⁸ Cfr. Basílio de Vasconcelos, *Itinerário do Dr. Jerónimo Münzer (Excertos)*, Coimbra, Imprensa da Universidade, 1932; Amadeu Torres, *Ao reencontro de Clio e de Polímnia*, Braga, Faculdade de Filosofia, 1998, p.183.

⁹ Cfr. Amadeu Torres, *ibid.*

¹⁰ Cfr. Damião de Góis, *Elogio da cidade de Lisboa/Urbis Olisiponis descriptio*, ed. crítica, tradução e comentário por Aires A. Nascimento, Lisboa, Guimarães Editores, 2002, p.171.

¹¹ Cfr. Amadeu Torres, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, I – *As Cartas latinas de Damião de Góis*, Paris, Fund. Gulbenkian/Centro Cultural Português, 1982, p.348 ss. e nts.

de Sousa, amigo, mecenas, protector e até discípulo daquele na cadeira de Retórica¹².

2. Quando o jovem Diogo de Sousa se inscreveu na Universidade de Salamanca e seguidamente na de Paris ainda notoriamente escolástica e conservadora, já outros estudantes portugueses por lá tinham passado, os conhecidos bolseiros da Corte, grande parte dos quais, “ao longo dos reinados de D. Afonso V e D. João II”, rumavam outrossim para Itália¹³, donde as novas luzes e gostos irradiavam há mais tempo, a Itália dos Medicis, dos Sforza, dos Gonzaga, dos Montefeltri; de Leonardo da Vinci (1452-1519), que em 1496 viu queimado na praça de Florença o seu quadro *Castor e Pólux* pela multidão tumultuária induzida pela pregação de Savonarola contra o que qualificava de retorno à antiguidade pagã em esculturas, pinturas, livros e códices greco-latinos; de Ângelo Policiano (1454-1494), a quem Lourenço de Medicis, o Magnífico, cumulou de honras, professor de grego e latim na Universidade de Florença a partir de 1480, cónego de Sta. Maria del Fiore, amigo de Savonarola e Giovanni Pico della Mirandola (1463-1494), e partícipe em polémicas filológicas e literárias com o tuliano Paolo Cortesi (1465-1510), o mesmo erudito Policiano que em 1490, entusiasmado com os Descobrimentos, se ofereceu, por intermédio dos irmãos Teixeira, segundo Costa Ramalho, a D. João II a fim de cantar a epopeia lusa; de Marsilio Ficino (1433-1499), que Cosme de Medicis (1435-1464) trouxe para a escola grega que criara em Florença onde aquele super-mestre platónico, bem como Policiano e Mirandola brilharam na cátedra; de Janus Lascaris (1445-1535), um longo mestre helénico de topo, professor em Florença, Veneza, Milão e Roma¹⁴.

Mas também a Itália do extraordinário discurso, em latim renascentista de alto nível, que perante Sisto IV, em 31 de Agosto de 1481, pro-

¹² Cfr. Américo da Costa Ramalho, *loc. cit.*, p.88 e 105.

¹³ Cfr. “A cultura na época do Tratado de Tordesilhas”, in Américo da Costa Ramalho, *Para a história do Humanismo em Portugal*, Lisboa, INCM, 2000, p.66 ss.

¹⁴ Cfr. José V. de Pina Martins, “Pico della Mirandola e o humanismo italiano nas origens do humanismo português”, in *Estudos italianos em Portugal*, Lisboa, 1964, pp. 107-146; Eugenio Garin, “La scuola di Marsilio Ficino”, in *La Filosofia*, Milão, 1947, I, p.286 ss., II, p.66 ss.; Amadeu Torres, *o.c.*, II, p.23, 24, 31, 104 e *passim*, em texto e notas.

feriu o bispo de Évora D. Garcia de Meneses como embaixador do Rei de Portugal e comandante da armada contra os turcos sitiadores de Otranto, ele que fora estudante-bolseiro em Perúcia em tempos de D. Afonso V; a de Martinho de Figueiredo, anos depois desembargador do Paço e lente na Universidade de Lisboa, mas antes de 1494 estudante em Florença e em 1497 na Bolonha jurídica; a dos Teixeira atrás aludidos, Luís, Álvaro e Tristão, com destaque para o primeiro, doutorado *in utroque iure* em Florença como Martinho de Figueiredo, e por 1502 professor de Direito em Ferrara; a de Henrique Caiado, um dos mais talentosos poetas novilatinos de finais do *Quattrocento* que, além de três epigramas reunidos no seu livro de 1501, em 11 de Julho de 1495 enviou a Diogo de Sousa, naturalmente ainda respirando as auras do Tibre, a *Écloga I* a ele dedicada e sumamente exaltante, porquanto lhe augurava o báculo de pastor e até a tríplice tiara¹⁵.

Eis a Itália que deslumbrou Diogo de Sousa, não só a literária e a das amplas praças e altos pastores, mas também a artística e monumental de Brunelleschi, de Bramante protegido de Júlio II, de Donatello, de Verrochio, de Luca della Robia, de Miguel Ângelo na Capela Sistina a expensas do próprio Papa que, como já ficou dito, foi quem o nomeou metropolitano bracarense aquando da segunda embaixada a Roma em 1505; a Itália, enfim, por cujas principais cidades terá passado durante os meses em que lá residiu, tomando conhecimento de muitos “estudos geraes e pessoas e lemtes”¹⁶ e nas quais contactado com humanistas de vária origem, quase todos eles eclesiásticos e experimentados pedagogos sob os revérberos do saber e da Fé, do que aliás o futuro prelado do Porto e de Braga sempre se tornou perfeito exemplo em toda a sua vida e acção.

3. Mas retornando aos estudos de Diogo de Sousa no estrangeiro, o facto de, qual com razão sublinha Costa Ramalho, não estarem eles ainda bem averiguados¹⁷ nada obstará a que, de acordo com a epígrafe desta abordagem se tente certa contextualização. Os seus biógrafos, em referência a Salamanca, apontam o curso de Cânones, na sequência das

¹⁵ Cfr. Henrique Caiado, *Aeglogae et silvae et epigrammata*, Bolonha, 1501; Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento*, cit., p.91, 121-122; Id., *Para a história do Humanismo em Portugal*, cit., p.21-22.

¹⁶ Cfr. Avelino de Jesus da Costa, *loc. cit.*, p.77.

¹⁷ Cfr. *Estudos sobre a época do Renascimento*, *loc. cit.*, p.105.

aulas em Évora e Lisboa. Eu acrescentaria alguma possível complementação em Artes, como de resto lhe aconteceu, após o regresso de Paris, ao inscrever-se discípulo de Retórica de Cataldo. Nem nos claustros salmanticenses faltavam mestres de tomo nem pelo que se constata, mingua ao nobre estudante ânsia de cultura. E Salamanca era a mais famosa Universidade de Espanha.

Fundada em 1215, tornou-se um dos melhores centros institucionais da Europa. Releve-se que até 1486 Aires Barbosa ouviu aí lições de Élio António de Nebrija (1444-1522), dos mais eruditos mestres dos primórdios do humanismo espanhol, e bem assim as de Lúcio Marineu Sículo, das quais o estudante Diogo de Sousa porventura terá anteriormente beneficiado; o mesmo Aires Barbosa que, desde 1495 até 1523, ali granjeou inegável renome nas cadeiras de Retórica e de Grego. Como criador dos estudos clássicos na Universidade do Tormes, Nebrija, que décadas depois o cardeal Cisneros (1436-1517), antigo aluno salmanticense, chamou para a Universidade de Alcalá, com bula de fundação de 1499, fez a Espanha antecipar-se neste campo a Portugal, numa caminhada para que monarcas aragoneses concorreram quando convidaram Lourenço Valla (1407-1457) a uma visita aos seus reinos ou quando Afonso V de Aragão se desdobrava em benesses para com letrados e eruditos na sua Corte quatrocentista de Nápoles. Já não se estava muito longe do apogeu, aliás humanista e político, alcançado pelo filho de Joana a Louca, filha dos Reis Católicos, e do arquiduque de Áustria Filipe o Belo, filho de Maximiliano I, rei da Germânia (1495) e imperador dos Romanos (1508), coroado em 1519 em Bolonha com o nome de Carlos V, herdeiro da Hungria e da Boémia por parte do avô, dos países Baixos e do Franco Condado por parte da avó Maria de Borgonha, filha de Carlos o Temerário e de Isabel de Portugal, senhor da coroa de Espanha por parte da mãe, assim como dos reinos da Sicília, Nápoles, Sardenha e Novo Mundo¹⁸. Dois impérios interligados pelas letras e pela política de casamentos, o português e o castelhano, onde o sol não tinha ocaso, o mesmo sol que aquecia e entusiasmava as iniciativas inovadoras do

¹⁸ Cfr. R. Escavy, J. M. Terrés, A. Roldán (eds.), *Actas del Congreso Internacional de Historiografía Lingüística – Nebrija V Centenario* (3 vols.), 1994, *passim*; A García Doiza, *Salamanca monumental*, Madrid, 1959; A. Ballesteros y Beretta, IV, Barcelona, 1926, p.1-100; J. S. da Silva Dias, *Os Descobrimentos e a problemática cultural do século XVI*, Coimbra, Fac. de Letras, 1973, *passim*.

grande Arcebispo de Braga, por estas alturas a mais de meio já do seu operoso pontificado de 27 anos.

No que respeita à Universidade de Paris era a Faculdade de Teologia quem usufruía de uma autoridade acima do comum desde os tempos de maior brilho da Escolástica, em paridade com Oxford. A reabilitação do tomismo impulsionada pela canonização de S. Tomás de Aquino em 1323 e a exaltação dos seus escritos, assim como a revogação da condenação de 1277 respeitante aos mesmos por Estêvão de Bourret, bispo de Paris, não surtiram efeitos de monta por causa da decadência monástica geral, do cisma do Ocidente e do ocamismo que, apesar de condenado cerca de 1474 por Luís XI, acabou sete anos decorridos por firmar arraiais na Universidade sem a despojar, não obstante, de parte notória do antigo prestígio. Na verdade, aos *Comentários às Sentenças*, aos *Quodlibetos*, às *Questões disputadas* sucede a corrente moderna ou escola de Guilherme de Ockam (1290-1348/9), o nominalismo ou terminismo com os *Sophismata*, *Exponibilia*, *Insolubilia*, *Consequentiae*, *Obligationes*, *Calculations*, doutrina em voga aliás em todas as universidades até finais do 1º quartel do séc. XVI, da qual creio haver apenas escapado a Universidade de Alcalá de Henares, do cardeal Ximénez de Cisneros.

Por isso, nos anos em que Diogo de Sousa a frequentou, a instituição parisiense não andaria longe do estado em que desde há décadas se via, ao enfronhar-se em subtilezas dialécticas e questões acessórias que fizeram com que Erasmo rotulasse os seus professores de sorbonagros e os de Oxford, na mesma linha de magistério, de oxoniagros. Recompuser-se-ia lustros depois, como de resto aconteceu na Universidade de Coimbra com os Ledesmas, Azpilcuetas e Suárez¹⁹.

Quanto ao Renascimento, em França só aparece com Francisco I (1494-1547), que em 1515 sucedeu ao seu primo Luís XII e reinou durante 32 anos. Duas personagens célebres o precederam e foram preparando o terreno. Trata-se de Lefèvre d'Étaples, teólogo e humanista (1456-1536), estudante da Universidade de Paris, pouco antes de Diogo de Sousa e viajante por Itália (1491-1492) quase em coincidência com a primeira embaixada deste a Alexandre VI; e de Guilherme Budé (1468-1540), formado em Direito Civil por Orleães e um dos maiores helenistas da época,

¹⁹ Cfr. Amadeu Torres, *Noese e crise na epistolografia latina goisiana*, II, cit., p.9 ss e 31 ss; Marie-Madeleine de la Garanderie, *La correspondance d'Érasme et de Guillaume Budé*, Paris, J. Vrin, 1967, *passim*.

aquele que inspirou a Francisco I a criação do Colégio de França em 1530. Outros colégios, além do de Alcalá que D. Diogo de Sousa elogia em carta a D. João III de 1527, granjearam renome: o dos Meninos Gregos, em Roma, da iniciativa de Leão X (1513-1521), e o conhecidíssimo Colégio Trilingue de Lovaina, criado por Jerónimo Busleyden em 1517²⁰, com a ajuda de Erasmo.

Não custa admitir que alguns destes tenha alimentado a preocupação do Arcebispo quanto ao colégio a que finalmente lançou mãos em 1531. A influência principal, no entanto, julgo dever basear-se nos colégios universitários onde estudou ou que conheceu, na cultura e ascendente usufruídos na Corte, aliás transformada numa espécie de florescente colégio, e bem assim na protecção que lhe poderia advir do patrocínio régio em prol desse empreendimento. De tal ascendente incomum algo nos desvendam os 29 epigramas a ele dedicados por Cataldo Sículo e as quatro cartas que lhe endereçou, a última das quais já ao bispo do Porto²¹, nomeado pela bula de Alexandre VI de 23 de Outubro de 1495.

4. Às vezes pensa-se que os humanistas eram pessoas sem os pés na terra, alheias à vida real. Ora, nada mais falso. E mais uma comprovação dá-no-la D. Diogo de Sousa, que, entrando no Porto, logo convoca sínodo para 24 de Agosto de 1496, cujas *Constituições* o impressor Rodrigo Álvares apresentava já compostas em 4 de Janeiro de 1497²² e cronologicamente ocupam o quinto lugar na lista de incunábulo em língua portuguesa. Outros volumes se seguiram e aqui não vêm a propósito referir, mas suficientes todos para nos inteirar duma solicitude pasto-

²⁰ Cfr. Amadeu Torres, *o. c.*, p.165-166; Marie-Madeleine de la Garanderie, *o. c.*; Jean Delumeau, *La civilisation de la Renaissance*, Paris, 1967; Ch. Henry Graz, *Essai sur la vie et les écrits de Jacques Lefèvre d'Étaples*, 2^a ed., Genève, 1970, *passim*.

²¹ Cfr. Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a época do Renascimento*, *loc. cit.*, p.100-105.

²² Cfr. Manuel Cadafaz de Matos, *Constituições que fez ho Senhor D. Diogo de Sousa, bispo do Porto*, Porto, na oficina de Rodrigo Álvares, 1497, edição em fac-símile do inc. de Vila Viçosa (I vol.) e estudos (II vol.) de M. Cadafaz de Matos e A. García y García, Lisboa, Edições Távola Redonda, 1997; José Barbosa Machado, *Constituições de D. Digo de Sousa*, introd., ed. semidiplomática e lematização, Câmara Municipal de Vila Real, 2006.

ral que, dali a pouco, subirá ao mais alto grau e, sob múltiplos aspectos, no metropolitana de Braga. Como estes se encontram abordados em pormenor documental e analítico por Avelino de Jesus da Costa²³, continuarei a cingir-me sobretudo ao mecenatismo humanístico de D. Diogo de Sousa.

Este concentrou-se na paixão das Letras que não quis guardar para si, preocupado como estava e decerto sempre esteve com o ensino e formação do clero e do povo em geral. A 3 de Maio de 1509 D. Manuel respondia ao arcebispo: “O mestre Frey Joam de Chaves nos falou acerca do collegio que queres ordenar nesa cidade e ouvemos niso muito prazer. E metemdo vós em ordem a obra e vimdo em efeito o dito collegio, a nós aprazerá por serviço de Deus e por maior edificaçam da dita obra e pera ajudar a mamtença della mamtermos nella nove collegiaes. E pera diso serdes certo vollo noteficamos asy por esta”²⁴. Entretanto, volvidas quase duas décadas, em 1527 escreve pesaroso a D. João III: “Todos sabem que a primeira obra que desejey e temtey de fazer em cheguamdo a esta cidade, foy hum colégio e sem começar outra o fiz saber a elRey voso pay, que Deus aja. Foy diso mui comtente e louvou meu proposito e me prometeo remda pera mantimento de nove colegiaes cada anno. E estamdo asy, veyo immigo e sobre esta boa semente semeou zizania, de que agora não quero dar conta, a qual apaguou a boa inspiraçam e a maneira pera fazer obra tam necessaria e proveitosa”²⁵

Na mesma carta, desaconselhando frontalmente o Rei quanto ao projecto de mandar colegiais para Paris com comparticipação monetária de ambos, acentua: “Nam curees de mandar a Paris sesemta escolares a apremder Theologia, mas manday vir de lá sesemta lemtes (a modo de falar, porque até dez abastarám para tudo) e emtam fazei hum collegio muy comprido e muy grande e de pouquas pinturas e labores, omde se leya Theologia e todalas artes e ciemcias que para ela sam necessarias” [...]. Porém, se Vosa Alteza quiser fazer o collegio nesta cidade, eu despenderei nele de maneira que seja mais necessaria remda, pera que nam despenda tamto que conselho pera guastar”²⁶

²³ Cfr. “D. Diogo de Sousa, novo fundador de Braga e grande mecenas da cultura”, cit. na nota 3.

²⁴ Cfr. Id., *ibid.*, p.22 e 60.

²⁵ Cfr. Id., *ibid.*, p.22 e 78.

²⁶ Cfr. Id., *ibid.*, p.22 e 77.

De qualquer forma, D. Diogo de Sousa, sentindo porventura declinarem-lhe a vida e as forças, urge, em carta de 5 de Janeiro de 1531, com António Lopes, naturalmente em Salamanca, para lhe contratar seis professores: dois para ensinarem a ler, dois para Gramática e dois para Lógica e Artes. Em Maio de 1532, o Colégio e capela de S. Paulo, em Santiago da Cividade, já funcionavam com cinco docentes e um capelão, dado que faltava ainda o de Artes. Não obstante, o Arcebispo, duas ou três semanas antes da morte, lavra em Provisão os Estatutos da instituição escolar com que há tanto tempo sonhara, consciente de que a minguada de saber é nociva “aos presbíteros, curas e beneficiados porque nam somente fazem prejuizo a sy mesmos mas aos que lhes sam emcomendados e que tem sob reguimento”²⁷. Creio ser esta a coroa preciosa de D. Diogo de Sousa como humanista e propugnador das luzes renascentistas, ele que no governo espiritual e temporal da Arquidiocese se multiplicou em inúmeras iniciativas desde a renovação dos livros litúrgicos, à restauração da Sé e outros monumentos, à construção de Igrejas, à refundação do burgo, às obras de arte e tesouro da Sé, aos estatutos do Cabido, à defesa do senhorio e coutos de Braga, que “de uma aldeia fez cidade” sob a influência das que em Itália o maravilharam.

Razão sobeja assistia a Pedro Margalho nos termos laudatórios da dedicatória do seu *Physices compendium*, em 1520: “Os segredos da cosmografia habitam e passam os dias contigo, na tua câmara, ornamentada como se fora um templo das Musas, com figuras da doutrina de todas as ciências, que servem verdadeiramente às tuas paredes, de tapeçarias e reposteiros”²⁸. E de igual modo a André de Resende, num poema de mais de trezentos versos infelizmente desaparecido no Paço bracarense, ao chamar a D. Diogo de Sousa “Pontificum decus, Hispaniaequae sidus fulgentissimum, bonarum vigiliarum fautor, unicum scribentium confugium”²⁹, isto é, “honra dos pontífices, estrela resplandecente da Hispânia, fautor das boas Artes, único refúgio dos homens de Letras”.

Enfim, um grande Senhor, um extraordinário Arcebispo, um culto Príncipe do Renascimento.

²⁷ Cfr. Avelino de Jesus da Costa, *loc. cit.*, p.23, 92-93, 96-97.

²⁸ Cfr. Américo da Costa Ramalho, *Estudos sobre a época de Renascimento*, *loc. cit.*, p.93.

²⁹ Cfr. D. Rodrigo da Cunha, *o. c.*, II, pp.298.